

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

YASMIM DALPIAZ DOS SANOS

UMA ESCRITA DE AUSÊNCIAS:
A TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM EM BUSCA DO SEU LUGAR

Porto Alegre
2021

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

YASMIM DALPIAZ DOS SANTOS

UMA ESCRITA DE AUSÊNCIAS:
A TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM EM BUSCA DO SEU LUGAR

Porto Alegre

2021

YASMIM DALPIAZ DOS SANTOS

UMA ESCRITA DE AUSÊNCIAS:
A TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM EM BUSCA DO SEU LUGAR

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Orientador: Maria Tereza Amodeo

Porto Alegre

2021

YASMIM DALPIAZ DOS SANTOS

UMA ESCRITA DE AUSÊNCIAS:
A TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM EM BUSCA DO SEU LUGAR

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Tereza Amodeo

Profa. Dra. Moema Pereira Vilela

Prof. Dr. Luis Roberto de Souza Junior

Porto Alegre

2021

À minha eu do futuro. Que você acolha a escrita com mais amor e consiga abraçar a escritora que existe aí dentro. Assumam essa união e sejam felizes, por favor.

AGRADECIMENTOS

Mãe. Não poderia iniciar um agradecimento sem mencionar teu nome na primeira linha. Tuas noites sem dormir acabaram: eu terminei uma faculdade. Perdoe-me por ter vagado solitária durante meu caminho até aqui, mas saiba que é graças à liberdade que sempre me deste que, hoje, eu consigo ter mais certeza de minhas escolhas. Expresso a mesma gratidão a ti, vó, que choraste tanto a minha partida quando decidi tentar a vida em Porto Alegre. Obrigada por sempre me fazer lembrar de onde eu vim, tua casa nunca deixou de ser meu lar.

Às minhas amigas de longa data: Gabriela, Maju, Júlia e Thaís. Vocês sempre me fizeram lembrar como uma amizade é também uma fortaleza. Obrigada por nunca julgarem minhas constantes mudanças, fossem de faculdade ou de endereço. O incentivo que me doaram jamais será esquecido.

Victhória, não hesitaste em segurar minha mão em um momento de total estresse e tensão. Obrigada por ser a pessoa mais paciente do universo todos os dias, a vida é bem melhor ao teu lado.

Amanda, obrigada por me dar aquele empurrãozinho quando fiquei perdida. Por mais que eu ficasse preocupada que meu trabalho tivesse cinquenta páginas a menos que o teu, sempre me disseste que tamanho não era o essencial, que minhas palavras, mesmo que breves, deveriam “ir para o mundo”.

Léo, meu amável companheiro de jornada, que bom que nos encontramos e pudemos viver juntos todos os momentos felizes e horríveis que constroem a vida acadêmica. Obrigada por me alegrar mesmo eu sendo um poço de grosseria, o último ano não foi o mesmo sem nossas fofocas noturnas.

Querida Maria Tereza, foste a melhor orientadora que eu poderia ter. Sempre solícita às minhas dúvidas e elevando ao meu trabalho qualidades que jamais pensei alcançar. Agradeço imensamente por ter aceitado me guiar neste último trecho do caminho, por ter topado minhas constantes mudanças de foco, por ter me instigado a ir além e por ter abraçado minha insegurança. Tuas afirmações positivas sobre minha escrita literária foram indispensáveis em momentos de dúvida. Foste uma guru excepcional. Luis Roberto, jamais me esquecerei das muitas histórias sobre tuas andanças que animavam as aulas. Moema,

obrigada por me fazer entender que toda escrita é válida quando feita com sentimento. Jana, guardarei na memória as noites em que voltei a ser uma criança com a minha professora e sua mala de livros mágica. Professores, obrigada por doarem a nós um pouco do brilho nos olhos que vocês têm. Vocês foram luzes de inspiração em meio a um mar de incertezas, concluímos esse curso com uma faísca no coração graças a vocês.

Um singelo obrigada a mim mesma. Ter vindo sozinha para uma cidade estranha sem um plano concreto foi a coisa mais estúpida que tu poderias fazer. Tem sido uma experiência inigualável viver agarrando todas as oportunidades que surgem à tua frente. Tu sabes que, às vezes, algumas escolhas serão frustradas e servirão apenas como aprendizado. A alegria que sentes agora, ao finalizar essa etapa tão importante, é o sentimento que deve permear teus pensamentos todos os dias. Foi graças a uma de tuas milhares apostas que, hoje, podes te declarar escritora.

“As coisas mais difíceis de falar são as
que nós mesmos não conseguimos entender.”

Elena Ferrante

RESUMO

Este trabalho reúne uma parte ensaística e outra criativa, juntas elas estabelecem as relações entre duas mulheres, duas personagens. A experiência de ausência acontece depois da vivência de uma perda, algo que ambas conhecem bem. Tudo começa com Leda, personagem que ilustra o romance *A filha perdida* (2016), da italiana Elena Ferrante. A autora sabe como expressar brilhantemente essas vivências que tratam das coisas difíceis de dizer, característica que busquei em minhas próprias produções literárias. Sempre escrevi sobre episódios amargos da vida de alguém e, conscientemente ou não, meus textos acabam se construindo sobre um terreno de situações por vezes dolorosas. Inspirada em Leda, trago Jade, uma personagem concebida por mim que protagoniza uma coletânea de contos ficcionais. O grande desafio foi criá-la como personagem de conto, usando como base uma densidade dramática vista em um romance, visto que se trata de uma reunião de narrativas breves que trazem diferentes momentos da vida de Jade. Esses gêneros literários têm suas diferenças claras, principalmente no que diz respeito à composição da personagem. Foi pensando nisso que julguei necessária uma pesquisa sobre uma possível criação da personagem ambígua, capaz de transitar entre os gêneros romance e conto. Para dar luz aos meus argumentos me baseio em estudos de personagem de romance do autor Antônio Candido, em teses sobre conto e teorias de Ricardo Piglia e Nádya Gotlib. Além disso, também faço uso de alguns estudiosos da área da literatura que já trataram da personagem ausente em suas escritas. Entre eles cito com importância Fabiane Secches, que realiza uma extensa pesquisa sobre Elena Ferrante, que se constituiu como aporte teórico essencial para a realização desse ensaio. Neste trabalho não desejo esclarecer os traumas de uma vida, mas sim dar luz aos tantos sentimentos que permeiam a experiência de ausência.

Palavras-chave: Personagem. Ausência. História. Romance. Conto.

ABSTRACT

Questo lavoro riunisce una parte saggistica e un'altra creativa, fra cui si stabiliscono delle relazioni tra due donne, due personaggi. L'esperienza dell'assenza ha luogo dopo aver vissuto una perdita, un qualche cosa che entrambe le donne in questione conoscono bene. Tutto ha inizio con Leda, il personaggio che illustra il romanzo *La figlia oscura* (2016), della scrittrice italiana Elena Ferrante. Questa autrice sa esprimere in modo brillante tutte quelle esperienze che trattano di cose difficili da raccontare, caratteristica, questa, che ho approfondito nelle mie produzioni letterarie. Di fatto ho sempre scritto di episodi amari della vita di qualcuno e, in modo cosciente o meno, i miei testi finiscono per costruirsi su un terreno di situazioni a volte dolorose. Ispirata a Leda, io presento Jade, un personaggio da me concepito che è protagonista di una raccolta di racconti immaginari. La grande sfida è stata quella di crearla come personaggio da racconto, in quanto si tratta dell'unione di narrazioni brevi che tracciano momenti diversi della vita di Jade, ma usando come fondamento una densità drammatica vista in un romanzo. Questi due generi letterari presentano delle chiare differenze, specie per quanto attiene alla caratterizzazione del personaggio. Riflettendo su questo, ho reputato necessario condurre una ricerca vertente su una possibile creazione del personaggio ambiguo, in grado di transitare fra i generi romanzo e racconto. Al fine di elaborare i miei argomenti, mi baso sugli studi del personaggio da romanzo dell'autore Antônio Candido nonché sulle tesi sul racconto e altre teorie di Ricardo Piglia e Nádía Gotlib. Mi avvalgo inoltre dell'apporto di alcuni studiosi dell'area letteraria che nei loro scritti hanno già approfondito il tema del personaggio assente. Fra loro mi preme citare l'importanza di Fabiane Secches, la quale compie un vasto lavoro di ricerca su Elena Ferrante, costituitosi in un contributo teorico essenziale per la realizzazione di questo saggio. In questo mio lavoro, non pretendo risolvere i traumi di una vita, ma di sicuro desidero illuminare i tanti sentimenti che permeano l'esperienza dell'assenza.

Parole chiave: Personaggio. Assenza. Storia. Romanzo. Racconto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Capa da coletânea de contos.....	1
---------------------------------------------------	----------

SUMÁRIO

1 A CONCEPÇÃO.....10

Uma reflexão sobre o começo, desde o desenvolvimento do tema até a escolha da obra foco de análise.

2 “QUANDO NÃO SOBRA MAIS NADA”13

Minha escrita literária para este trabalho. Uma pequena coletânea de contos que abre margem para o estudo desenvolvido na parte teórica.

3 FILHAS DE ELENA.....33

Aqui falo um pouco da autora italiana Elena Ferrante e sua produção literária, seu apego pela experiência de ausência na obra *A filha perdida* (2016) e uma análise da personagem principal, Leda.

4 DOU LUZ À JADE.....38

Um detalhamento da minha produção literária em “Quando não sobra mais nada”. Também conto sobre minha inclinação às escritas de ausência. Referencio autores para exemplificar minha ideia de personagem e preferência pela narrativa breve.

5 A PERSONAGEM AMBÍGUA?.....42

Uma análise das características da personagem do conto e do romance. Reconhecimento entre Leda e Jade e debate sobre a liberdade da personagem ambígua, a que pertence aos contos, mas pode constituir certa complexidade típica da do romance, considerando a reunião das densidades dos contos.

6 UM BILHETE DE DESPEDIDA.....48

Palavras derradeiras que fazem um retrospecto de tudo que foi apresentado no ensaio.

REFERÊNCIAS.....50

As vozes sábias que me emprestaram suas teorias para que eu pudesse compor a análise.

APÊNDICES.....52

APÊNDICE A.....52

Um conto “autobiográfico ficcional”, produzido para a disciplina de Laboratório de Criatividade, que fez parte da minha pesquisa inicial sobre a autora Elena Ferrante.

1 A CONCEPÇÃO

Durante o curso, espera-se que os estudantes de Escrita Criativa desenvolvam capacidades críticas em relação à literatura, além da leitura e da escrita. A escolha de um assunto para o trabalho de conclusão de curso deve, além de ser algo com o qual tenhamos afinidade, abordar a relevância que esse estudo traz ao meio literário. De acordo com essa perspectiva, tive o primeiro contato com o nome de Elena Ferrante no primeiro semestre do curso de Escrita Criativa, através do livro *A Filha Perdida* (2016) que fazia parte da bibliografia da disciplina de Teorias da Narrativa. Grande parte da motivação para a escolha desse tema foi pessoal, pois Elena é minha escritora preferida. A escrita envolvente e cheia de mistérios sobre as mulheres que imagina me cativa desde o primeiro momento. Em diversas passagens de suas obras posso imaginar uma atmosfera que beira ao sobrenatural, mas que nada mais é do que a realidade internalizada dessas personagens. Essa vida inventada é descrita através de palavras que parecem ter sido escolhidas a dedo para que o leitor se sinta parte daquele universo, além da possibilidade de experimentar as sensações vividas pelas personagens.

No caso da autora da obra escolhida para estudo, *A filha perdida*, vale ressaltar que Ferrante é um dos nomes de maior destaque da literatura contemporânea. Constatando isso, uma análise específica da personagem principal torna-se necessária, portanto, para entender as motivações dessa mulher para agir como age. Explorar os traumas intrínsecos à vida da personagem principal, Leda, é o que parece mover toda a produção. A obra em questão trata dos sentimentos da mulher diante de situações delimitadoras de caráter e de sua própria existência. A experiência de ausência tende a ser o ponto alto dessa história. Observar como a autora apresenta esses relatos ficcionais e como os constrói, de uma forma tão intrínseca, é o que será objeto de estudo no ensaio aqui proposto.

Como texto criativo apresento o esboço de uma coletânea de contos, todos ficcionais, sobre a vida de Jade, personagem inspirada em *A filha perdida*. Sempre escrevi sobre ausências e por isso me identifico tanto com a personagem de Ferrante. Acredito que essa inclinação literária tenha surtido efeito em minhas mãos devido às minhas preferências artísticas no geral. Tenho apreço por narrativas constituídas por personagens marcantes e situações conflitantes. No caso da obra foco de estudo, observo analiticamente a frieza com que Leda trata assuntos sensíveis para outras pessoas. Criei Jade com o objetivo de torná-la uma personagem de perfil intrigante e que, igualmente, fosse capaz de tocar em assuntos infelizes a partir de suas próprias vivências. Os contos trazem situações vividas por Jade em

diferentes momentos de sua existência, desde criança até a fase adulta. O leitor pode lê-los individualmente, ou ler na progressão do texto na sua totalidade, estabelecendo a sequência cronológica entre eles de acordo com os períodos da vida de Jade. Essa opção de leitura é o que traz a possibilidade de se constituir como um romance através da mesma narrativa. A atmosfera de tensão, beirando a narrativa de suspense, também deve ser perceptível. Prevalece o uso do subtexto, onde boa parte da compreensão dos acontecimentos será por conta da interpretação do próprio leitor. O principal foco é que essa série de narrativas curtas contem a história de uma mesma personagem. A escrita, em si, não é um romance, porém o próprio leitor pode fazer conexões que estabelecem uma associação entre os contos, produzindo a densidade do romance. Esse gênero mergulha fundo na construção da personalidade, algo que em um conto aparece com menos complexidade, somente com informações essenciais. As histórias sobre Jade devem estabelecer o seu perfil genuinamente, porém, com a proposta da história reduzida, a fim de ser uma leitura breve e envolvente.

Através da observação do romance de Ferrante, aliada à minha produção de contos, integro ao estudo a possibilidade da criação de uma personagem ambígua. Na teoria, Jade seria essa personagem ao mostrar suas densidades em cada conto e, quando reunidos, poderiam compor a complexidade de uma personagem romanesca. Assim, ela sobreviveria em ambos os gêneros de forma genuína. O objetivo seria construir essa personagem com questões essenciais intrigantes que a façam render um romance completo e, ao mesmo tempo, apresentá-la em contos com sua densidade dramática bem consolidada.

Escolhi o gênero conto para minha produção final, pois se trata da escrita com a qual tenho mais afinidades e habilidades de produção. Embora eu leia muito mais romances no dia a dia, a exemplo os títulos da própria Ferrante, aprecio os contos e como apresentam suas histórias invisíveis. Reitero aqui a fala do escritor argentino Ricardo Piglia (2004), quando diz que um conto sempre conta duas histórias. Lemos um conto e, enquanto isso, nossa mente monta outro quebra cabeças a ser desvendado somente naquela última frase da história. Isso é fascinante.

Ainda que eu tenha me inspirado em romances, que são escritas longas onde as personagens têm sua questão essencial bem desenvolvida em diferentes circunstâncias, meu desafio se tornou criar uma personagem que fosse tão complexa e densa quanto às de Ferrante, porém que conseguisse sobreviver e sustentar sua história em um tipo de produção mais breve.

Desde o primeiro conto produzido tive a certeza de que os relatos da vida de Jade não seriam histórias felizes. A vida dela poderia ser simples e ordinária, mas eu não quis assim.

Ela carrega consigo uma série de infortúnios, mal entendidos e pensamentos um tanto quanto estranhos. Eu não sou a Jade, não por completo, mas uma parte de mim a criou. Pode ter sido a parte reprimida que desejava gostar de ler Nicholas Sparks, embora eu sempre acabasse na estante de suspense levando para casa um título de Agatha Christie.

É impossível escrever sem relacionar-se com as palavras de forma íntima. É improvável que nossas personagens não tenham nada de nós, e nós nada delas. Criamos uma vida do zero, com intuito de dá-la para outras pessoas. Na última página sempre ficaremos órfãos.

Quando não sobra mais nada

Verde água

A casa de férias nunca fora tão vazia e suja. Enquanto Jade padecia deitada na cama de solteiro, sobre um cobertor verde musgo que a deixava tão fria quanto se estivesse atirada em uma pedra. Ela ouvia as palavras do pai sem entender, via o rosto da irmã inexpressivo, foi amarrada pelo choque da notícia e não conseguia mover um músculo. Seus olhos ardidados de tanto mantê-los abertos.

Antes estavam todos no rio, quatro cadeiras dispostas uma ao lado da outra. Jade, como sempre, se negou a sentar ao lado do pai e se deitou na areia molhada perto da água. Ela observava a irmã aproveitando a sombra de uma árvore, que elas mesmas haviam plantado quando crianças. Enquanto isso, a mãe exibia seu nado perfeito para aquele homem que entornava goela abaixo mais uma lata de cerveja barata. A água se movimentava calma com o vento e o bater de pernas ecoava longe naquele lugar que sempre fora silencioso, mesmo quando a casa estava cheia. Ao contrário da comum algazarra feita por familiares que se encontram depois de muitos anos, havia algo na família que os fazia ter apreço pelo silêncio.

O ar sempre fora pesado, o vento quente parecia vir diretamente junto dos raios de sol e a pele queimava mesmo que estivesse coberta de protetor. O rio era traiçoeiro: quando se pensava sentir o chão, sumia do nada e não dava mais pé. A brisa fresca na sombra fez Jade juntar-se à irmã, adormeceram naquele sono prazeroso que o corpo implora depois de muito sol. Sonhando, Jade voava pela cidade à noite, planava sobre seus lugares preferidos: a escola, a praça, a lanchonete do lado de casa...

Sua casa estava coberta por uma redoma de água, mas ela observou labaredas saindo pela janela. Como poderia acontecer aquilo?

Acordou ao ouvir gritos abafados pela água, a irmã também, o que viam era apenas uma cabeça com cabelos ralos lá longe dentro do rio. A voz grossa berrava para que fossem para dentro de casa, imediatamente. Acostumadas a obedecer, foram sem pestanejar. Minutos depois lá estavam os três, devastados, o pai contava calmamente como ela adentrou demais no rio e perdeu os pés do chão. Dizia que, enquanto as duas dormiam, correu para ajudá-la quando a viu balançar os braços desesperados, mas que não houve tempo. Jade, em desespero, não entendia. A mãe as ensinou a nadar, naquele mesmo rio, como poderia ter se afogado? Sai sangue da gente quando nos afogamos?

Desarmada

Se houvesse um canto da praia que estivesse deserto, onde o som do mar fosse o único a ser ouvido, onde pudesse ter a companhia apenas das personagens italianas que lia fervorosamente, lá que ela preferia estar. O sol deixava seu rosto avermelhado enquanto a areia traiçoeira se escondia dentro do maiô, entre os dedos dos pés, nos olhos, por tudo. Não é que ela não gostasse de praia, Jade gostava sim. O que a irritava era o emaranhado de incômodos que um “dia de praia” trazia consigo. Ao contrário da irmã ela fazia cena para não usar nenhum dos biquínis que a mãe havia comprado. Preferia o bom e velho maiô verde desbotado. “Esse negócio deixa você igual a uma pera gorda” opinava a irmã, enquanto amarrava o laço do seu cortininha. Jade pensava em muitas respostas, mas nunca usava nenhuma delas.

Para cada ocasião da vida ela guardava um traje velho e perfeito. Para cada peça de roupa feia havia um brinco enferrujado diferente. Quando criança ela gostava dos penduricalhos que via nas orelhas da avó, sempre os puxava para si, quase arrancando os lóbulos da pobre senhora. Vez que outra ganhava dela pingentes bem pequenininhos. Sempre os perdia. Resmungava sua perda e logo recebia um novo. Alguns anos depois da morte da avó, Jade se apropriou de um porta-joias esquecido na casa do rio, passou a usar as peças e a cuidá-las como nunca antes. Sentia-se acompanhada cada vez que colocava um pequeno pingente da avó em sua corrente. Aqueles objetos supriam uma saudade que nunca foi embora.

Com as pernas cobertas por uma canga e um livro entre as mãos, Jade observava seus parentes com certo desdém. Era como se cada um tivesse um papel a ser interpretado. As diferenças entre ela e a irmã eram tantas. Jade enxergava naquela jovem mulher uma beleza que ela jamais teria. Uma vaidade invejável e ao mesmo tempo exagerada. Jade levantou a canga e espiou seu corpo, notou as muitas cicatrizes infantis que ainda ostentava nas canelas. Enxergou-se como uma pera batida, daquelas que sobram no fim da feira. Olhou para a irmã e concluiu que ela mais parecia um pêsego, daqueles bem maduros e rosados que todo mundo quer morder. Jade olhou sua mãe por um instante, buscava por algum traço físico que as unisse. A mãe escondia sua pele pálida debaixo de um longo vestido, assim como o rosto que ficava coberto por um enorme chapéu. Pela pequena fresta entre as lentes e os olhos Jade via como ela invejava a beleza de outras mulheres, uma formosura que não teve nem quando jovem. Imaginou-se ajoelhada ao lado da mãe, as duas confessando terem cometido durante a vida inteira o pecado da inveja. Voltou a si e a seu momento de julgamento. Desta vez o alvo era pai, que apoiava uma lata de cerveja em sua barriga de melancia. Ele também pecava quando encarava as partes íntimas das mulheres deitadas sobre a areia, sentia gula por todas elas.

“Largue a Elena um pouco, sua chata! Vamos pra água comigo, agora!”, Jade tomou um susto quando a irmã arrancou o livro de suas mãos, puxando-a pelos braços. O livro e a canga caíram ao chão, estava desarmada. Sentiu-se completamente nua enquanto era arrastada até a beira. Desejou que seu maiô fosse uma grande casca capaz de cobrir toda sua pele até as unhas dos pés.

Ela gostava do mar, em partes. Via a água como uma personagem traiçoeira, daquelas que se movem com facilidade e repentinamente se tornam mais fortes que todos. Jade sentia as pernas confusas se embaralhando embaixo d'água enquanto tentava segurar a mão da irmã, sem sucesso. Deixou-a livre para nadar e permaneceu onde a água tocava a cintura, parecia seguro. Desejava aquela coragem da irmã, de simplesmente se deixar ir com a correnteza. Sentia o repuxo das águas enfeitiçando seu corpo, querendo levá-la para o fundo. Jade odiava essa sensação, de sempre ter algo ou alguém a puxando para um lugar que não desejava ir. Tentou cravar os pés na areia quando uma onda avançou sobre seu corpo e a derrubou. Por um momento ela esqueceu que não se deve inspirar quando estamos debaixo d'água. Acabou tomando uns goles do mar. Já na superfície, Jade tossia e cuspiu aquele líquido que a invadiu tão raivosamente. “Não acredito que você se afogou até no raso!”, a irmã reapareceu ao seu lado dando repetidos tapas em suas costas. Algumas pessoas se aproximaram oferecendo ajuda. “Sério, olha as coisas que você me faz passar!” a irmã resmungava enquanto saíam da água. Jade sentia-se tonta e envergonhada, preferia ter se afogado.

A mãe enrolava uma toalha em seu corpo trêmulo enquanto a irmã contava o que havia acontecido. Jade observou seu pai lançando um olhar de desprezo para a situação enquanto abria mais uma lata. “Para! Eu sei me secar sozinha!”, empurrou a mãe pra longe de si. Esfregava o corpo com raiva quando um fio do tecido prendeu-se no fecho do seu colar. Em um lapso de memória ela recordou que estava usando uma das correntes da avó. Passou os dedos pelo metal em volta do pescoço e não encontrou o pingente de flor que estava ali antes. Seus olhos se encheram, mas ela não permitiu que transbordassem. “Eu perdi... eu

perdi uma coisa! Vamos voltar!”, implorava para que a irmã retornasse ao mar com ela. “Eu não vou! Vá você, sua chorona!”, respondeu com desgosto enquanto besuntava o corpo de óleo bronzeador. Jade sentiu os músculos se contraindo inundados pela raiva, suas mãos se fecharam em socos que não se materializaram em ações.

A irmã que a levou para a água, era tudo culpa dela. Naquele momento, Jade delirou em meio a tantas vinganças possíveis que passavam pela sua cabeça. Desejou que o mar avançasse até a areia e engolisse a irmã inteira, que o sol fritasse sua pele até derreter, que todos os seus objetos tolos e fúteis fossem afogados, como havia acontecido com o pingente da avó. Num ímpeto de fúria, Jade correu até a irmã e cravou as unhas em seu rosto. Afundou os dedos com tanta força em sua pele que era possível ver o sangue escorrendo pelas bochechas. Enquanto a irmã gritava por socorro, Jade sentia alívio, conseguia prever as marcas que ficariam ali por muito tempo, tornando-a imperfeita. Finalmente elas teriam algo em comum.

Quinta-feira, 13 de outubro, 2016

Meu querido, você sabe que não há mais tempo para mim. Nessa idade as mulheres já devem ser bem sucedidas, com família constituída e estar terminando de pagar a casa própria. Não tenho nada disso, nem terei tempo hábil para conseguir. Depois que minha irmã engravidou e foi embora eu fiquei sozinha, morando em um apartamento de herança onde é tudo tão feio que não tive vontade nem de trocar o tapete. Para conseguir viver lá dentro eu chaveei a porta do quarto dos meus pais e finjo que aquele cômodo não existe.

Eu afundo a cabeça no mesmo trabalho há quase seis anos, isso nos faz esquecer de como a vida poderia ser se fizéssemos algo diferente. Minha sorte, ou ruína, é poder viver através das páginas dos livros que moram nessas estantes. Eles são como partes de mim, filhos que nunca gerei. Eles contam histórias emocionantes, de certa forma eu as vivencio como espectadora. Todos os dias eu abro a biblioteca e dou luz a eles. Às vezes ficamos sozinhos por horas até que uma adolescente idiota aparece e pergunta se o livro da autora italiana, a famosa, já chegou para empréstimo. Aquele em que a mãe perde a filha, a filha perde a boneca, algo assim. Respondo que não e ela vai embora.

Eu queria poder dizer que tenho preferências, que tenho gostos, como a maioria das pessoas. Minhas colegas trazem seus almoços e são sempre variados: lasanha, massa bolonhesa, escondidinho. Eu não me lembro de quando cozinhei algo diferente de lentilha, arroz e ovo. Eu já provei a comida da lancheria aqui ao lado, não tem gosto de nada. Já tomei o vinho mais caro e também o mais barato, eles têm o mesmo

sabor seco e ácido. Já fiz brigadeiro de todo jeito possível, é sempre doce demais e me dá náusea. É como se meu corpo não respondesse aos estímulos que o proponho, embora eu já tenha tentado muitas e muitas vezes. Além disso, meus hormônios parecem cansados do esforço que fizeram durante meus relacionamentos frustrados. Até mesmo a excitação sexual minha frigidez é capaz de aniquilar. Frígida: aquela que se mostra indiferente. Mentira não é, aceito esse rótulo de bom grado.

Já fui a todos os médicos possíveis e eles sempre dão o mesmo diagnóstico: “Sua saúde está ótima, seu problema pode ser psicológico”. Não é algo fácil de ouvir, muito menos aceitar. Eu ainda não aceitei, tenho esperanças de que, um dia, eu volte a achar graça nisso tudo. “Você precisa encontrar um propósito para sua vida!”, esses livros de desenvolvimento pessoal querem dar o resultado sem antes explicar como se faz o cálculo. Minha irmã parece ter encontrado seu propósito na maternidade. Depois de parir três filhos, com diferença de apenas dois anos entre eles, percebo que eu jamais serviria para tal papel. Minha mãe passou a vida toda sendo uma boa pessoa para, no fim, morrer afogada com tanto desgosto. Meu pai exerceu a função de cafajeste genuinamente bem, esse deve estar purgando no inferno até hoje. Se já existiu alguém capaz de ser digna, de tornar-se inspiração para minha vida, esse alguém é minha avó. Nossa relação foi como um gesto breve e carinhoso, uma saudade eterna que guardo a sete chaves. O sentido da vida dela certamente foi o de germinar amor. Como se encontra isso? Como a gente se encontra dentro de si a ponto de saber qual o motivo de tudo? Eu já tentei sair disso também, mas falhei. Uma intoxicação medicamentosa que só rendeu uma dívida imensa em contas de hospital e um problema de gastrite. Chego a sentir pena de mim mesma.

Neste momento minha colega chega para nosso turno e interrompe minhas anotações monologas. Observo-a ajeitando-se atrás do balcão: ela tem uma pele sedosa e sem rugas, embora tenhamos a mesma idade, sempre usa vestidos estampados que cobrem até o joelho com botas de salto alto. Ela parece sentir-se confortável dentro do próprio corpo. Baixo os olhos para me ver: uso a calça jeans desbotada que herdei de minha mãe, um suéter cor de caqui e um tênis velho, cinza, daqueles que idosas usam para não machucar os calos dos pés. Sinto-me patética.

E você, caro diário, me instiga: “Mas Jade, há tempo! Afinal você ainda está viva, não está?”. Minha resposta pode ser um pecado, talvez Deus não me queira em seu jardim depois de ouvi-la. Mesmo assim, preciso desafogar-me: não sei o que é viver, minha existência é uma inquietação, um desassossego. Das tantas ausências que sinto dentro de mim, o vazio de uma vida apagada é a maior delas.

Só eu, você e ele

Não imaginei que viveríamos um dia como esse. Na verdade, a coisa mais trágica que eu poderia prever para nossa família era a separação de nossos pais, já que nunca consegui enxergar muito amor ali. Mas... Confesso que, após a partida da nossa mãe, minhas esperanças sucumbiram em um poço de incertezas. Não acredito mais que as coisas possam melhorar, entende? Não sinto que ele, um dia, mudaria por nós para que fôssemos criadas decentemente. Eu e você sabemos que nosso elo era ela. “Mas Jade, ele é nosso pai!”, você me diz. Eu sei, uma mera ligação sanguínea que jamais fez sentido para mim.

Até hoje tenho devaneios sobre o dia em que ela se foi. Toda vez que vamos ao rio consigo enxergá-la, lá no fundo, nadando graciosamente como amava fazer. Nós a admirávamos enquanto ele...não sei dizer, lembro-me só do olhar: era depravado e perverso. Mesmo jovens nós sabíamos o que acontecia entre eles, não entendíamos, embora não fosse preciso. As madrugadas que ele chegava tarde e os dois discutiam aos gritos. Eu pulava para sua cama nessas ocasiões, nós cobríamos a cabeça com o cobertor e ali era nossa fortaleza. Depois de algumas horas o ouvíamos, em nosso quarto, jogando seu corpo imenso na minha cama vazia. Ele dizia que o sofá dava dor nas costas.

Lembra-se daquela vez em que ela quis mandá-lo embora? Ela fez as malas dele e deixou-as ao lado da porta. “É coisa de adulto, Jadinha. O pai de vocês gosta mais de outra pessoa do que de nós, então ele não vai mais morar aqui.”, ela me disse. Eu tinha quinze e você dezoito, nós éramos meninas tolas, mas não tanto a ponto de não entender o que

estava acontecendo. Ela sempre foi gentil com todo mundo, mesmo com as pessoas que não mereciam. Quando ela parou de fazer o almoço preferido dele, parou de dobrar suas cuecas, parou de se importar com a hora em que ele chegava... Foram indícios. No momento em que ele chegou visivelmente embriagado, viu as malas na porta e jogou-as contra o corpo de nossa mãe. Você tentou juntá-la do chão e ele lhe deu uma bofetada no rosto. “Suas cadelas nojentas, todas vocês! Acham que eu vou embora? Eu vou se eu quiser!”, ele berrava. Depois disso foi até a geladeira, pegou uma cerveja, abriu, sentou-se no sofá e ligou a televisão. Assim, como se não tivesse acabado de arruinar a própria família. A violência nunca mais se repetiu, pelo menos não na nossa frente, mas uma vez foi o suficiente. Passamos a ser obedientes e dóceis, como bichos adestrados. Vimos nossa mãe perder a vida aos poucos: não saiu mais de casa, cancelou as aulas de natação, aposentou os saltos e as maquiagens, não leu mais tantos livros como antes. Tenho certeza que sempre vou culpá-lo por isso, por ter feito com que se tornasse completamente vazia. Os anos que sucederam a morte dela só serviram para confirmar o quão miserável ele é. Só temos onde morar porque nossa avó deixou esse apartamento em nome dele, depois de ele obrigar a pobre coitada a fazer isso. Mesmo assim, aposto que ele adquiriu tantas dívidas que, um dia, vão acabar nos despejando daqui. Eu o vejo agora, suando frio e tão vulnerável, é quase uma purgação por todo mal cometido.

Você consegue entender o inferno que ele nos trouxe? Por que devemos ajudá-lo agora? “Eu não sei se quero viver com essa culpa...” você me responde. Não seria nossa culpa, ele que afundou o próprio corpo em álcool e quilos de gordura saturada com comida de beira de

estrada. Uma das principais causas do infarto é a combinação de hábitos podres e má alimentação, você sabia? Estamos aqui há quase meia hora, em pé, observando ele se contorcer no tapete da sala. Em meio aos gemidos dele consigo compreender os xingamentos: “Vagab...chamem a ambulânc...”. Você está com o celular na mão, o número na tela, se quisesse mesmo já teria discado.

Nós fechamos as janelas, puxamos as cortinas, colocamos uma música alta e vamos até a cozinha. Você abre a geladeira, me alcança uma cerveja e pega outra para você.

Xeque-mate

Eu nunca fui de ter muitas coisas e acabei perdendo quase tudo que tinha. Daí vinha a minha urgência em achar um relicário que fosse grande o suficiente, que coubesse tudo de mim. Alguém que fosse capaz de guardar minhas memórias em uma daquelas caixinhas de lembranças que esquecemos no fundo do armário. Quando conheço um homem, eu escolho esquecer as peças que o formam. Não aceito jogadas prontas e nem resquícios de suas antigas vitórias. Preciso que eles sejam novos, recém tirados da embalagem. É que eu sozinha já transbordo horrores, alguém precisa sugar um pouco de mim para que eu consiga viver em paz.

“Jade, perto dos trinta não se pode mais ter tantas exigências...”, minha irmã está certa em partes, mas a culpa não é minha, não desta vez. Eles que se perdem, confundem o *timing* do jogo e chutam o tabuleiro para bem longe. Todo mundo fala que ser intensa destrói qualquer probabilidade do relacionamento dar certo. Qual o sentido de escolher o momento apropriado para exibir suas piores faces? Em minha defesa, é bem melhor derramar tudo de uma vez e, se ele quiser ficar, que bom. Se não quiser, também não perdi tempo. Eu anseio por começar a viver como as pessoas que conheço que não se preocupam com o prazo da vida e só fazem coisas. Elas dormem e na manhã seguinte continuam a fazer as mesmas coisas de ontem. Perdi anos demais achando que seria diferente disso e, agora, me sinto atrasada. Parece que a vida escorre entre meus dedos um pouquinho mais todos os dias. Temo que logo ela se canse de mim.

Estamos sentados de frente um para o outro, é um encontro de decisões. Ali haverá uma partida ou um recomeço. Nós nos conhecemos há algumas semanas e o soco do início não o intimidou. Parece ter me visto como um desafio: mais uma partida para ganhar. Nunca houve muitos concorrentes, eu não sou uma rainha disputada por aí, ninguém sabe meu nome e quem um dia soube já deve ter esquecido. A inconstância e a indecisão me deixam frustrada, a pressão lhe deixa nervoso. Gostar? Já passamos dessa fase, o jogo agora é outro. Meu peão sempre sai perdendo nas primeiras linhas demarcatórias de espaço, eu queria mais e era passada para trás por outra peça maior e mais útil. Uma torre ou até mesmo um cavalo tem mais a oferecer do que o peão, que anda a passos lentos e é feito para morrer.

As palavras têm um poder que não meço ao dizer. Saem correndo pela minha boca, derretem e eu ainda não sei que estou mentindo. Eu digo a você o que me engasga e o que recebo em troca é uma face pasma. Sai tudo de mim, levanto a voz e os braços, só não ergo o corpo para evitar a destruição. A televisão está alta e grito tanto até que meu ruído seja maior que qualquer propaganda. Você abre a boca, parece implorar para que eu me cale. Continuo esbravejando meus infinitos motivos para estar tão cansada e insatisfeita. Quero aproveitar a deixa e te descascar dos pés a cabeça. Antes tomei duas taças de vinho avinagrado e tenho que deixar o calor fluir, sair de mim. “Você tem certeza de que isso tudo aí é sobre a gente?”, você me pergunta com cara de tacho. É óbvio que é! Foi a minha ríspida resposta. Eu suo e sua feição amena me preenche com mais raiva. Seria sempre assim? Eu sou essa pessoa que não consegue tocar algo sem destruir? Sou quem vira o tabuleiro ao chão quando percebe que está perdendo?

Você segura meu rosto com as duas mãos, olha fundo para meus olhos perturbados. Está com pena de mim. Você levanta, deixa em minha mão um pacote vermelho com etiqueta de joalheria, e vai embora.

Éden

Por muitos anos aquele lugar perdido no meio do nada tinha sido apenas a casa da avó. As meninas adoravam passar os dias de verão isoladas do calor escaldante da cidade, preferiam a brisa fresca à beira do rio. Não se viam muitas casas como aquela: um acesso pela rodovia principal levava a uma estrada de chão, emoldurada por jacarandás e, enfim, dois quilômetros adiante, estava ela: a avó sentada na varanda de casa acenando sorridente. Um jardim de roseiras circundava toda a propriedade, rosas de todas as cores e tamanhos. A avó sabia lidar com a terra como ninguém mais.

As meninas adoravam o abraço amoroso, o beijo na palma da mão e o cheiro de bolinho de chuva que ela fazia, mesmo quando o tempo estava ensolarado. Um lugar onde Jade parecia sentir-se abraçada por aquele ar puríssimo e perfumado. Ela sentava na rede da varanda, os pés sem tocar o chão, sentia as mãos enrugadas da avó colocando uma rosa atrás de sua orelha, e depois tocava seus ombros para balançá-la. O vai e vem sempre a deixava embrulhada, mas Jade gostava do vento no rosto e pedia “Mais forte, vó!”.

Em uma das visitas à casa, ela percebeu a avó diferente, debilitada. Não tinha mais forças para balançar a rede, fez confusão com as medidas da receita do bolinho e errou a mão nos ingredientes. Ficaram intragáveis, pela primeira vez. Certo fim de tarde, enquanto Jade e a irmã exploravam os corredores e escadas, aproximaram-se da porta entreaberta do quarto da avó. Pela pequena fresta a viram, com as mãos trêmulas, remexendo caixinhas de remédio e engolindo diversos

comprimidos coloridos ao mesmo tempo. Nesse mesmo dia, bisbilhotando, Jade assistiu a uma conversa de adultos. O pai esbravejava e apontava o dedo no rosto da avó, falava sobre papéis importantes que ela havia perdido, aparentemente, e que ela devia mudar-se para uma casa com outros velhos como ela. Jade tentava compreender, perguntava a si mesma se, em algum momento, também teria que arrastar seus pais para morarem numa casa com outros velhos. Jade contou tudo para a irmã, sabia que ela teria todas as respostas, ela sempre tinha: “Ora essa, o nome dessa casa é asilo! Lembra de quando vimos a vovó tomando remédios? Pois ela deve estar doente e talvez até morrendo, vai saber!”.

Jade pouco conhecia sobre a morte, com seis anos nunca se sabe muito sobre as coisas. Sabia o que a avó contara no velório do avô, que o corpo dele dormiria para sempre naquela caixinha bonita, que logo moraria debaixo da terra como uma sementinha e sua alma seria mais uma flor linda no jardim de Deus. Desde que soube disso, Jade acenava para todas as flores em seu caminho. Ela pensou em perguntar para a avó a sua preferência, se gostaria de morar com outros velhos ou transformar-se em semente e morar naquele jardim, mas não houve tempo. A visita dos bolinhos fracassados foi a última vez que Jade a viu em pé. Seu pai dizia que a vovó estava de cama, que seria importuno visitá-la. Mesmo assim, a menina insistiu tanto a ponto de levar uns beliscões.

Só viu a avó novamente quando estava dormindo na caixinha bonita, dentro de uma capela. Jade sorria e abraçava o corpo gélido, estava com tanta saudade. Não entendia por que todos choravam, afinal, ela seria uma flor! Isso não era magnífico? Foi arrancada para fora da

capela pelos pais envergonhados enquanto toda a plateia pausava as lágrimas para ver o show. Ela foi levada para a casa da avó onde havia mais parentes chorosos. Acharam prudente que a menina não acompanhasse o cortejo até o enterro.

Pela primeira vez Jade não sentiu vontade de balançar-se na rede da varanda. Passeou em volta da casa, alisava as pétalas de rosas com a ponta dos dedos e depois os levava ao nariz, amava o perfume que, naquele dia, tinha cheiro de saudade. A dor da ausência é capaz de inundar os olhos e fazer doer o coração, até mesmo daqueles que ainda não conseguem compreender de onde isso vem. Seus olhinhos finalmente transbordaram. Queria o abraço quente da avó, só mais uma vez. Aproximou-se de um canteiro e, com as próprias mãos, começou a cavar um buraco desajeitado. Ia cavando e deitando ao lado, para ver quanto faltava até que fosse do seu tamanho. Finalmente o monte de areia e a abertura eram suficientes, Jade deitou-se e começou a cobrir seu corpinho com o cobertor de terra. Cobriu os pés, as pernas, a barriga... Estava ansiosa para reencontrar a avó. Cobriu o pescoço e parte do rosto. Os pais voltavam do enterro e avistaram a menina entre as rosas. A mãe correu e a retirou rapidamente da cova. Jade chorava incessantemente, renegava os braços que a seguravam e dava socos no ar. Um deles atingiu o nariz da mãe, que logo estava com o rosto ensanguentado. Os parentes aproximaram-se para ajudar, Jade tentou fugir de todas aquelas mãos que queriam detê-la quando o pai a parou, puxando-a pelos cabelos. “Por que você fez isso? Está louca?”, as perguntas dele foram seguidas de palmadas. Jade não ligava para o fiasco, não sentiu a dor do castigo e nem se preocupou com o nariz quebrado da mãe. A única coisa

que importava para ela era reencontrar a avó, para que seguissem juntas no caminho até o jardim de Deus.

Naquela noite, antes de dormir, a menina olhou para a terra embaixo das unhas e chorou.

3 FILHAS DE ELENA

Muitas são as teias que envolvem o nome de Elena Ferrante. Seja em relação à sua célebre obra ou mesmo quando é informado que esse nome é apenas um pseudônimo de uma autora que prefere fugir dos holofotes. Uma decisão difícil, já que Ferrante se tornou uma das presenças mais afirmativas do cenário literário do século XXI e do imaginário contemporâneo. Entre os romances mais lidos de sua autoria destaca-se a tetralogia *A Amiga Genial* (2016), os títulos renderam não apenas os doze milhões de exemplares vendidos em mais de cinquenta países, mas também uma série ficcional exibida no canal *HBO*.

As narrativas de Ferrante tem um poder quase hipnótico, são histórias que provocam comoção e, por isso, se tornam tão envolventes. Percebo que nós aceitamos e acolhemos suas personagens pelo simples instinto de representação: poderíamos ser parte delas. Essa identificação acontece porque suas protagonistas são mulheres complexas, vivendo situações limítrofes em suas vidas. Ratificando as palavras do crítico literário inglês James Wood (2013) sobre a obra de Ferrante: “Seus romances são intensamente, violentamente pessoais e, por isso, parecem balançar cadeias de chaves eriçadas de confissão diante do leitor desavisado”¹. Além disso, a autora ainda dá conta de explorar a subjetividade da personagem feminina, característica que ainda é alvo de algumas críticas, em sua maioria negativas.

Não se trata apenas de dramatizar o mundo real, a autora desenvolve a ficção por meio de conflitos verdadeiros que podem permear a vida de uma mulher. Entre as problemáticas abordadas por Ferrante, as que mais se destacam são a maternidade, vista com um olhar mais frívolo, as vivências de perda e as relações familiares conturbadas. A ausência parece ser não somente um eixo de aprofundamento literário para o processo criativo da autora, mas também uma questão que deve ser presente na vida de todas as suas personagens, em diferentes intensidades. Acerca disso, resalto as palavras de estudo da portuguesa Verônica Fernandes (2015, p. 225):

Fazendo pensar sobre essas e outras questões, Elena vai desconstruir todas as suas mulheres, destruindo o discurso do amor óbvio – feminino e materno – , desnaturalizando crenças e expondo as pequenas ficções que produzem ou “fazem gênero(s)”. Questionando a “feminilidade” que no Ocidente vai localizar as mulheres pelo vazio de sentido e, sendo assim, dependentes do amor de um homem e da necessidade de ser mãe para compensar a ausência do falo/significante na linguagem, Ferrante vai trazer personagens que, de formas particulares, vão confrontar e questionar as ditas verdades biológicas acerca de si próprias, do corpo

¹ Essa citação de James Wood, parte do artigo “Women on the verge” (2013) publicado na revista *The New Yorker*, é uma tradução do Google Translator.

feminino como aparato social e das suas ligações com os outros. Tudo com dor, solidão, fúria e inquietação.

Embora grande parte do sucesso da autora seja atribuída à sua tetralogia *A Amiga Genial*, outros títulos também se destacaram ao longo dos anos. Romances solitários que não pedem um prêmio de *best-seller*, mas são igualmente compostos de protagonistas femininas impactantes com histórias levemente trágicas. Além dessa marcante característica entre as criações de Ferrante, outro ponto que se destaca é o cenário dos acontecimentos. Assim como na tetralogia, a autora optou por permanecer em sua ambientação real para construir as atmosferas do romance *A filha perdida*: a Itália, mais precisamente a região litorânea de Nápoles. A escolha parece não ser somente por motivações pessoais, mas também por conta da história da terra napolitana. A cidade é conhecida por ser caótica e fica localizado próximo a um estratovulcão chamado Vesúvio. Nápoles integra uma área que compõe os conhecidos Campos Flégreos que são, segundo cientistas, um território com potencial de gerar catástrofes globais e extinção em massa. Sobre isso, afirmo a conclusão da escritora, crítica literária e pesquisadora brasileira Fabiane Secches (2020, p. 35), quando diz que “as mulheres de Ferrante vivem à sombra desses vulcões e de abalos sísmicos. Entre a violência da natureza e a dos seres humanos, sobrevivem tomadas pela constatação de perigo iminente”. Diante disso ressalto como aspecto fundamental dessa obra a possível influência que um tempo-espaço pode ter no enredo da história.

A personagem que escolhi como foco de análise é Leda, de *A filha perdida*. Leda é uma professora universitária de quarenta e sete anos que teve que administrar, simultaneamente, a maternidade e a ascensão profissional. Suas duas filhas adultas, Marta e Bianca, moram em Toronto com o pai, seu ex-marido, Gianni. Leda tem pensamentos ambivalentes e muitas vezes extremamente hostis sobre as filhas. Por conta de suas vivências, ela age com mais emoção do que razão, gerando assim um questionamento perante seu próprio caráter. Suas constantes dúvidas sobre sua personalidade, aliadas à presença de personagens que testam a sua sanidade, constroem um ambiente que, para o leitor, beiram o incômodo. As ausências que permeiam os pensamentos de Leda e a ajudam a compor suas questões essenciais podem ser identificadas na obra quando:

1. Sai da casa dos pais e demonstra sua falta de semelhanças com os familiares.

Entre as minhas fantasias mais temidas, estava a ideia de que eu podia encolher, voltar a ser adolescente, criança, ser condenada a reviver aquelas fases da minha vida. Eu só havia começado a gostar de mim depois dos dezoito anos, quando deixei minha família, minha cidade, para estudar em Florença. (FERRANTE, 2016, p.157)

2. Desencontra-se de sua personalidade e se vê distante do próprio poder sobre si mesma devido à incumbência da maternidade.

Eu havia desejado Bianca; um filho é desejado com uma opacidade animal reforçada pelas crenças populares. Ela chegara cedo, eu tinha vinte e três anos, e o pai dela e eu estávamos no meio de uma árdua luta para continuarmos a trabalhar na universidade. Ele conseguiu, eu não. [...] Assim, aos vinte e cinco anos, qualquer outra brincadeira havia acabado para mim. (FERRANTE, 2016, p. 45)

3. Retorna à sua casa, depois de passar dois meses distante, e decide novamente abandonar as filhas aos cuidados do pai. Na época, Bianca tinha seis anos e Marta quatro.

Ah, torná-las invisíveis, não ouvir mais as exigências de sua carne como pedidos mais prementes, mais potentes do que os que vinham da minha. Terminei de descascar a laranja e fui embora. A partir de então, por três anos, não as vi nem ouvi mais. (FERRANTE, 2016, p.125)

4. Vive a ausência da razão em momentos de fúria com as filhas. Leda perde a compostura por diversas vezes durante a história quando as filhas a interrompem em situações rotineiras.

Sinto as lágrimas da minha filha sob as pontas dos dedos, continuo a bater nela, devagar, tenho o gesto sob controle, mas em intervalos cada vez menores, decidida: não uma possível atitude educativa, mas violência real, contida, porém real. Saia, digo sem levantar a voz, fora, mamãe precisa trabalhar, e a seguro firme pelo braço, arrasto-a para o corredor, ela chora, grita, mas ainda tenta me atingir, e eu a deixo ali e fecho a porta atrás de mim com um empurrão preciso, não quero mais ver você. (FERRANTE, 2016, p.89)

Após muitos anos dessa fuga, já com as filhas crescidas, a narrativa conta em tempo presente uma temporada em que Leda passa num apartamento barato perto de uma praia na Itália. Lá, seus dias são assombrados por uma grande, barulhenta e escandalosa família napolitana que a faz lembrar suas origens. Entre os membros uma jovem mulher, Nina, e sua filha pequena, Elena, são as estrelas desse teatro que Leda compõe em sua mente toda vez vai à praia e as encontra. As atenções dela, sobretudo, se direcionam ainda mais para a relação de Nina e Elena com boneca da menina, Nani. Esse objeto infantil aparece rememorando o sentimento de culpa sentido por Leda. Essa boneca traria a ela uma nova oportunidade de exercer a maternidade sem os erros que ela acredita ter cometido na criação de Bianca e Marta. Em certo momento, Elena esquece a boneca na praia e Leda a rouba, levando-a para casa. Daí em diante ela cuida de Nani, como um flashback da própria infância, como uma mãe daquele ser inanimado. Algo que me chama a atenção durante as interações de Leda com a boneca é que, toda vez que ela mensura brincar com o objeto, ou trocar as roupinhas, a boneca expele um líquido preto. Sujeira, areia e água do mar que Elena inseria pela boca da

boneca. Esses episódios fazem com que Leda tenha contínuos *flashes* de sua segunda gravidez, lembranças desagradáveis de quando seu ventre era habitado por “um pólipó furioso, tão distante de qualquer humanidade que me reduziu, ainda que ele se nutrisse e expandisse, a uma matéria pútrida sem vida” (FERRANTE, 2016, p. 151). Nesse momento observo a dualidade daquela situação: de um lado vejo Leda tentando brincar de mamãe e filhinha com uma filha que não é sua. De outro há a criança, Elena, sofrendo por ter perdido sua amada boneca. A retratação de uma causa tristeza na outra.

Além da ausência, a romantização da maternidade também é um conceito totalmente destruído por Ferrante em *A filha perdida*. Ao expor as insatisfações de Leda perante suas obrigações de mãe, tanto a ponto de a personagem fugir das filhas por anos, também é possível enxergar esse mesmo desejo na jovem Nina. Por diversas vezes Leda inveja a relação de Nina com a pequena Elena, como aparentam ser felizes juntas e se fundem em suas fantasias infantis com a boneca. Só quando Leda se aproxima dessa família é que as máscaras começam a cair: Nina não aprecia a vida que tem, confessando vergonhosamente até mesmo que deseja fugir, assim como Leda o fez. Para exemplificar melhor o que essas atitudes significam na esfera da criação do perfil feminino na sociedade:

De certa forma, aquilo que Ferrante nos faz observar ao longo da história são as pequenas atitudes, os pequenos atos e as mesmas falas constantemente reiterados que, de tanto serem repetidos, se tornam inseparáveis da mitologia essencialista “feminina” que vai cristalizar e naturalizar o trabalho das mulheres na coesão social principalmente enquanto mães. (FERNANDES, 2015, p.235)

Esse comentário me fez recordar uma situação que observei em aula enquanto debatíamos esse mesmo título de Ferrante: uma colega, que tinha em torno de quarenta anos e era mãe de três filhos, se mostrou completamente indignada com as falas de Leda sobre os sentimentos em relação às filhas. Lembro-me bem dela dizendo que não importava quem fosse Ferrante, que para conseguir escrever aquelas coisas ela certamente não era mãe de ninguém. Ou seja, o perfil da “mulher de bem” foi tão bem desenhado pela sociedade através da cultura patriarcal que nem ela mesma, ao ver outra mulher expondo suas dores maternais e vazios existenciais, é capaz de exercer empatia com sua semelhante. A tão falada sororidade, que nada mais é do que a mais pura empatia e apoio entre mulheres, parece ainda não ter alcançado os ouvidos de algumas mães de família, o legado de muitos anos de submissão continua a dificultar a desconstrução dessa cultura machista.

Embora a escrita de Ferrante nos dê a leve impressão de que a leitura e apreciação fluirão sem dificuldades, talvez seja com os nossos próprios traumas sombrios que

acabaremos nos confrontando. Por diversas vezes li críticas sobre a autora que supunham uma escrita biográfica devido à conexão existente entre todas as suas personagens. Ferrante tende a utilizar lugares e até nomes iguais para as personagens em narrativas distintas. Até mesmo o seu desejo de intangibilidade pode causar um efeito na recepção das suas obras: “Uma parte expressiva acredita que as personagens e o enredo de seus romances soam tão verdadeiros que só poderiam partir de um relato autobiográfico” (SECCHES, 2020, p. 22). A construção dessas histórias pode ter o mesmo processo criativo, por virem da mesma pessoa, mas suas características individuais, técnicas literárias, influências e motivações pessoais com certeza integram partes essenciais da árvore genealógica que é o universo napolitano da autora.

4 DOU LUZ À JADE

Para mim a escrita se revelou como um movimento de catarse. Passei três semestres da vida cursando Jornalismo e, durante esse tempo, entendia que aquela escrita, imparcial, era a única que me cabia produzir. Nos últimos meses trabalhando em um jornal pequeno da minha cidade, pouco me esforçava para cobrir as matérias sobre um acidente no centro ou uma inauguração de fábrica. Minha preocupação era escrever com primor aquele trecho minúsculo da página número dois intitulado “Editorial” (que nunca saía com o nome da autora). Meus textos passaram por várias fases, de notícias tolas para editoriais curtos, de crônicas sem graça para minicontos produzidos em uma aula de dois períodos. Descobrir-se escritor é difícil, mais difícil ainda é encontrar o gênero literário que acenderá nossas palavras. Enxerguei luz em minhas escritas através do conto e, com aporte de tantos estudiosos do gênero, pude aperfeiçoar minhas produções.

Um dos principais preceitos do conto é a questão da segunda história, aquela que não é contada. Reitero durante todo esse texto os estudos sobre conto de Ricardo Piglia, nome importantíssimo para a compreensão do gênero. Segundo Piglia (2004, p. 94): “O conto é construído para revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta.”. O essencial nunca é contado, é deixado em rastros, pistas que devem ser descobertas pelo leitor durante e, algumas vezes, depois da leitura. Inúmeros foram os contos em que eu descobri a história escondida bem depois de já tê-lo lido por completo: me faltava somente decifrá-lo. Mesmo assim, mais do que a própria história, o que mais me chama atenção nesse tipo de texto é a sua personagem. Sabemos que a personagem de romance tem suas questões essenciais desenvolvidas em circunstâncias diversificadas, já a personagem do conto possui sua densidade dramática construída mais em si mesma e em situações específicas. Embora enfrentando ainda uma questão sobre sua brevidade, o conto é capaz de nos oferecer somente uma parcela daquela personagem, mas não qualquer uma: ele conta o que fica submerso.

Afunilando ainda mais os estudos sobre esse conceito é onde encontro meu segmento de produção literária em autores como Lygia Fagundes Telles, Júlio Cortázar, Edgar Allan Poe e Jorge Luis Borges. Para esse último nome, afirmo a fala de Piglia (2004, p. 97) quando comenta sobre a maneira que Borges amarra seus contos: “sempre com ambiguidade, mas também sempre com um eficaz efeito de clausura e de inevitável surpresa.”. Reproduzir tais características em produções autorais não é tarefa fácil. Para me auxiliar nessa aventura fiz

uso não somente dos contistas, mas também de títulos romanescos como *O conto da Aia* (2017), de Margaret Atwood e *Madame Bovary* (2015), de Gustave Flaubert. O que me atentei a observar nessas obras não foi exatamente a narrativa em si, mas a construção da personagem de forma sólida pois, depois de conhecer Offred/June Osborn e Emma Bovary, não conseguimos mais esquecê-las.

Minha produção criativa tem como protagonista uma personagem chamada Jade. Com ela tento colocar no papel uma resolução de todos esses ensinamentos e inspirações que fizeram parte do meu estudo ao longo do curso de Escrita Criativa. Minhas produções literárias sempre tiveram o ar pesado de alguma perda em seu enredo, sempre se agarraram em depoimentos dolorosos para sobreviverem. Assim como Ferrante em *A filha perdida*, trago em Jade um constante sentimento de inadequação em relação às expectativas do mundo. Ao longo de episódios isolados conseguimos montar um quebra cabeça de acontecimentos que moldam a personalidade tão intensa de Jade. Essa construção completa de um alguém inexistente me guiou a um momento de dualidade entre o biográfico e o ficcional. Creio que esse impasse chega para todos os escritores principiantes: estou escrevendo uma história sobre esse personagem no seu universo ou estou colocando em palavras meus devaneios pessoais sobre a minha vida?

A comparação que a ensaísta brasileira Beth Brait (1985, p. 42) realiza nos auxilia nesse entendimento:

Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinharias do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos. Se o texto é o produto final dessa espécie de bruxaria, ele é o único dado concreto capaz de fornecer os elementos utilizados pelo escritor para dar consistência à sua criação e estimular as reações do leitor. Nesse sentido, é possível detectar numa narrativa as formas encontradas pelo escritor para dar forma, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção linguístico-literária ou espelho do ser humano.

Dessa forma, consigo perceber que esses artifícios nada mais são do que a própria técnica literária como ingrediente principal da poção. Mais do que seguir as infinitas regras da língua portuguesa e ser fiel a gramática, os escritores precisam dar conta de saber, pelo menos, o básico sobre a estrutura geral de uma escrita, seja ela um poema, um conto ou um romance. É preciso ter empatia com o ato de escrever, não tratar uma folha em branco como uma superfície que podemos despejar nossas frustrações e pronto: “Veja, está aqui minha

literariedade!”. Tecemos histórias de acordo com as nossas vivências, influências e visão de mundo. A criatividade é sim um ponto, se não o principal deles. Através dessa liberdade criativa que nomes como Elena Ferrante conseguem alcançar um sucesso que vai além do número de cópias vendidas: ela acaricia o nosso âmagô. Todavia, se até hoje nomes como Borges são estudados por sua fantástica composição textual e apreciados por sua técnica literária, essa herança é de grande valia para os praticantes que almejam a habilidade desses autores.

O conto é um relato breve, portanto é necessário que o leitor identifique algumas características e detalhes que farão diferença para o descobrimento da história submersa. Como já sabemos, ocasionalmente, a descoberta desse enigma só será realizada após uma segunda ou terceira leitura do todo. Assim como afirma Piglia (2004, p. 90): “Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de modo elíptico e fragmentário”. Daí em diante é artimanha do escritor desenvolver estratégias que sejam capazes de criar na mente do leitor essa sensação de possibilidade. Esses rastros devem ser colocados na narrativa de forma sutil, que sejam imperceptíveis até o momento em que o leitor chega naquela frase derradeira que enlaça todo o resto.

Para exemplificar minhas proposições vejamos alguns trechos que retirei do conto “Verde água”, uma das histórias que compõem a coletânea “Quando não sobra mais nada”², escrita por mim e que faz parte deste trabalho:

1. “A casa de férias nunca fora tão vazia e suja³. Enquanto Jade padecia deitada na cama de solteiro, sobre um cobertor verde musgo que a deixava tão fria quanto se estivesse atirada em uma pedra.” Logo no início escolho palavras que, juntas, podem causar sensação de desconforto. Isso dá o tom da leitura, imerge o leitor numa atmosfera incômoda.
2. “...foi amarrada pelo choque da notícia...” Ainda no primeiro parágrafo, proponho ao leitor o sentido de alerta, de hesitação. A partir de agora ele sabe que houve algum acontecimento relevante ao decorrer da história.

² Este título aparece entre aspas, não em itálico, pois se trata de um projeto literário e não uma obra concluída.

³ Os termos sublinhados da página 34 e 35 estão destacados pois são o foco da análise.

3. “Jade, como sempre, se negou a sentar ao lado do pai...” Aqui vigora o subentendimento do leitor perante a relação de Jade com o pai. Ela se nega a aproximar-se dele, por quê? Os motivos estão na história submersa, nas características pré-determinadas: esse pai é violento e controlador.

4. “Sai sangue da gente quando nos afogamos?” Aqui a explícita sensação de possibilidade, pois o leitor sabe a resposta da pergunta. Então, por que ela foi dita? É criado um suspense sobre essa morte que, aparentemente, foi totalmente acidental. Além disso, há a quebra da quarta parede, pois a pergunta é direcionada para quem lê o texto, não é um diálogo entre personagens. A partir daí o leitor relembra tudo que leu em busca de uma resposta.

Utilizando essas estratégias busquei seguir os mestres Poe e Borges. Em seus contos, esses meios são construídos de forma mais experiente e sofisticada. O que prevalece em um conto é sempre o seu efeito surpresa. O que realmente importa para o escritor é que alguém o desmascare, que alguém analise suas palavras a fundo em busca de um desfecho. Por vezes isso não é possível, devido ao conto também compor sua essência com o famoso “final aberto”. Esse conceito põe por água abaixo tudo o que foi lido, torna o texto uma dúvida e pode anular algumas suposições do leitor. Mas isso é assunto para outro momento, hoje damos atenção somente à personagem.

5 A PERSONAGEM AMBÍGUA?

Era uma vez uma personagem de conto, seu nome é Jade. Um belo dia, decidi que a história dela não cabia em apenas um conto, então a levei em uma viagem e a fiz habitar outro conto. No mês seguinte, mais um. Depois, mais um, mais outro e assim por diante. Finalmente, Jade tinha sua vida inteira contada em uma coletânea de pequenas histórias. Se esses contos fossem separados, embaralhados ou colocados em meio a outras histórias, e o leitor, por livre escolha, lesse somente uma parte da vida de Jade, essa personagem sobreviveria e seria lembrada por um pequeno episódio de sua existência? Sim, esse é o plano. Agora, caso essas narrativas fossem agrupadas, em ordem cronológica e verossímil, poderia Jade ter se difundido como a protagonista de um romance? Possivelmente. A personagem é um ser ficcional, passível de habitar diferentes atmosferas de sentidos e cenários indóceis (se esse for o desejo criativo da autora). Para expressar essa ideia de forma mais clara observemos a definição proposta por Rute Miguel (2009) para o verbete “personagem”:

É através do nosso olhar enquanto observadores que o autor, criador das personagens, nos dirige até aos aspectos que ele próprio elaborou nessa figura de ficção, tornando-a em si só, uma fonte inesgotável e ao mesmo tempo insondável, visto que a sua capacidade de retenção do real é tão grande que tudo nela é permitido e esperado. A personagem assume assim uma condição universal que em nada reduz as suas capacidades enquanto ser necessário para o desenvolvimento de um enredo.

O efeito de possibilidade marca essa proposição: há um mundo de situações para serem experimentadas pela personagem, basta que a autora a transporte para esses novos lugares. A partir daqui se torna inevitável não olhar para o passado e reverberar os estudos primordiais de Aristóteles durante Grécia antiga, quando desenvolveu aspectos importantes, que são vistos até hoje, sobre o conceito da personagem e sua função na literatura. Entre esses estudos, cito com importância a progressão da ideia que diz respeito à semelhança existente entre personagem e ser humano, a conhecida “mimesis aristotélica” (ARISTÓTELES, s.d). Até hoje utilizamos a poética de Aristóteles para nossos estudos acadêmicos, mesmo que já existam dezenas de textos teóricos de qualidade capazes de servir como referências para nossos trabalhos. Isso ocorre porque, por mais que esse *insight* simples sobre a imitação do real já pareça defasado para nossas pesquisas sobre a origem da ficção, esse pensador grego foi o primeiro a dar evidência à problemática sobre o texto ficcional. Depois de Aristóteles, que tratou mais da personagem lírica na dramaturgia, surgem diversos nomes de referência

que são essenciais para o entendimento da composição da personagem de ficção que habita outros gêneros, como o conto e o romance.

Para seguir desenrolando essa teia de pensamentos, utilizarei como enfoque as personagens já citadas anteriormente: Leda, a voz que narra o romance *A filha perdida*, de Elena Ferrante, e, ao seu lado, estará Jade, personagem de minha autoria, que protagoniza a coletânea de contos “Quando não sobra mais nada”. Aqui trato da ficção realista como o segmento de abordagem e guardo na gaveta, por um breve momento, a fantasia, a fábula, o conto de fadas e a ficção científica. Primeiro, vejamos Leda e Jade apenas como personagens, sem distingui-las de acordo com o gênero ao qual pertencem. Ambas apresentam em suas figurações características similares que as unem em certo ponto de suas trajetórias. Suas personalidades são intensas, seus problemas íntimos são trazidos à tona de uma forma complicada, essa vivência do conflito interior faz com que essas personagens duvidem do seu próprio caráter, faz com que elas percam o sono diante dos constantes questionamentos sobre seus direitos e deveres perante a comunidade em que estão inseridas. Embora sendo uma criação, esses seres imaginários representam pessoas e acontecimentos possíveis da vida, nem sempre tão rotineiros, mas plausíveis diante das suas circunstâncias. Partindo da premissa de que a personagem não habita o mesmo mundo material dos seres humanos, mas, mesmo assim, teria seu próprio universo ficcional, que muito se assimila à realidade, vejamos os questionamentos oportunos de Brait (1985, p. 12):

De que forma o escritor, o criador da realidade ficcional passa da chamada realidade para esse outro universo capaz de sensibilizar o receptor? Que tipo de manipulação requer esse processo capaz de reproduzir e inventar seres que se confundem, em nível de recepção, com a complexidade e a força dos seres humanos?

A partir dos estudos das personagens Leda e Jade consigo, responder à indagação da autora com alguma certeza: a manipulação dessa realidade imaginária muito tem a ver com as técnicas literárias de linguagem que compõe o gênero ao qual uma escrita se identifica. Para cada gênero há preceitos que são seguidos em busca de uma produção narrativa de qualidade e que encante a mente de um leitor.

Leda é uma personagem de romance. Elena Ferrante introduz ao leitor uma mulher que vive experiências um tanto quanto conturbadas durante sua meia idade. Quando penso na criação romanesca, lembro-me da essencialidade de um bom enredo, que teça essa vida inventada de forma verossímil. No caso de Leda, o que a move é a linha descontrolada do seu destino, onde seus problemas se entrelaçam com outras vidas e, assim, as inquietações

acontecem. De acordo com Candido (2009, p. 51): “A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos”. É através dessa vivência que os mecanismos de identificação criados pelo autor vão sendo descobertos pelo leitor, é isso que faz com que a personagem, suas ideias e seu enredo, se tornem uma leitura envolvente. Ademais, o autor também cria uma lógica interna que auxilia na fluidez da personagem, essa linha de coerência é fixada desde o começo da narrativa e isso delimita a natureza do seu modo de ser e estar no mundo (CANDIDO, 2009).

Retorno à questão da construção da personalidade da personagem, algo que faz imensa diferença para que a atmosfera e o instinto de representação sejam alcançados genuinamente. Assim como para segmentos de textos literários existem gêneros, para a constituição harmoniosa de uma personagem também há. Esse conceito foi exposto pelo romancista britânico Edward Forster em sua obra *Aspectos do romance* (2005), que anuncia que a personagem se construa de forma plana ou redonda. A personagem plana é aquela constituída a partir de uma única ideia, aquela que não há muito do que se esperar e que também nunca surpreende ao longo da sua história. A personagem redonda é justamente o contrário, é organizada de forma mais complexa e suas ações são imprevisíveis e surpreendentes. Forster (2005, p. 63) salienta esses trejeitos:

O teste de um personagem redondo é se ele é capaz de nos surpreender de maneira convincente. Se ele nunca nos surpreende, é plano. Ele tem aquele jeito incalculável da vida – sua vida dentro das páginas de um livro. E, ao usá-lo, às vezes sozinho, às vezes em combinação com o outro tipo, o romancista cumpre sua tarefa de aclimação, e harmoniza a raça humana com outros aspectos de sua obra.

Ao seguir adiante, dessa vez com Jade, me questiono se esse conceito abordado por Forster seria facilmente aplicado à personagem do conto ficcional. Rememorando os contos de grandes autores de que me recordo e também analisando os meus, concluo, então, que a resposta seria não. O conto carece de complexidade, não caberia a essa produção o protagonismo de uma personagem plana. Se ela existe no conto, bem provavelmente se faça presente no *background*, como alguém aos fundos da narração. Nesse momento, tornou-se muito necessária para minha pesquisa uma referência teórica que classificasse por atributos a personagem de conto, infelizmente não encontrei tal conceito tão bem explicado. Mesmo assim, analisemos Jade com a ajuda das vozes que abordam o gênero com sabedoria. Uma delas é a professora e crítica literária Nádia Batella Gotlib (2006, p. 32, grifos da autora):

Os que seguem Poe reafirmam o caráter da *unidade de efeito* no conto e a sua importância como *gênero novo*, produto do século XIX, nos termos em que foi praticado e teorizado por Edgar Allan Poe. Tal é a linha seguida por Brander Matthews, num ensaio de 1901, em que faz questão de escrever *short-story*, com hífen, para distingui-la de uma estória meramente curta: *a short story*. Isto porque, segundo o autor, que segue à risca as propostas de Poe, existe uma diferença entre conto e romance que não é só de *extensão*, mas de natureza: o conto tem uma *unidade de impressão*, que o romance obrigatoriamente não tem. E por que tal unidade ocorre? Por causa da *singularidade* dos elementos que compõem a narrativa do conto: o conto é o que tem unidade de tempo, de lugar e de ação. O conto é o que lida com um só elemento: personagem, acontecimento, emoção e situação.

Assim, afirmo que o conto tem em sua estruturação uma necessidade maior de elaboração da atmosfera em que se edifica. Em um romance, por exemplo, é possível diluir essas caracterizações ao longo da obra. No conto, quando restam apenas algumas páginas para o seu fim, esse ambiente de hesitação deve ser exposto de forma clara, rápida e compreensível, para que a personagem consiga aparecer e dar conta de sua história. Isso muito tem a ver com a questão da unidade de efeito, conceito proposto por Edgar Allan Poe e que se origina a partir de uma série de elementos textuais que, se empregados corretamente, poderiam surtir no leitor um estado breve de excitação, conforme explica Gotlib (2006). Entre esses artifícios o autor menciona a questão do texto lido em *uma só assentada*, que só assim seriam alcançados efeitos significativos no leitor. A personagem como ser ficcional deve, então, coexistir e não concorrer com a sua ambientação, visto que a concepção de ambas acontece ao mesmo tempo e tem o mesmo propósito: um belo conto com sua história visível bem escrita e seu relato cifrado capaz de ser descoberto, aliados a um momento de hesitação por parte do leitor e, enfim, um final que cause o efeito surpresa.

Faço, agora, um reconhecimento entre Leda e Jade. Imaginemos que elas se encontrem, em dado momento, Leda após seu caso com a família napolitana e Jade no auge dos trinta e poucos anos sobrevivendo às suas tantas experiências de ausência. Frente a frente, essas duas mulheres têm demasiados pontos em comum: personalidades intensas, vazios de uma vida afogada em conflitos, problemas familiares, uma tendência a pensamentos que deturpam a realidade. Já entre as características que as diferem estão seus próprios lugares de existência, pois Leda é do romance e Jade é do conto.

Atentando-me ainda à classificação das escritas, tanto a minha produção quanto à de Ferrante, é importante citar que autora italiana também sentiu necessidade de expandir as faces da sua própria história. Após a publicação de *La Figlia Oscura* na Itália, em 2006, Ferrante lança o título *La spiaggia di notte*, em 2007, traduzido e publicado no Brasil como *Uma noite na praia* (2016). O livro é um conto de ficção infanto-juvenil que narra, em primeira pessoa, as aventuras estranhas de uma boneca que foi esquecida na praia. A dona da

boneca na obra em questão se chama Mati, e não Elena, como em *A filha perdida*. Para compor esse conto Ferrante utiliza a mesma ambientação e, além disso, um episódio existente em outra obra, que é a perda de uma boneca. Mesmo assim, a autora não transcreve a personagem da pequena Elena como dona da boneca perdida, ela nomeia uma nova menina para essa responsabilidade. Observo que Ferrante parece não ter desejado que fizéssemos uma conexão imediata entre os dois títulos. Parte dessa pretensão pode ter relação com o fato de *Uma noite na praia* (2016) ser uma narrativa direcionada às crianças e jovens, um público novo e completamente diferente do habitual, visto que seus romances conhecidos são histórias complexas, longas e indicadas a adultos. Quero dizer, para essa criação inovadora, Ferrante enxerga outra face de seu próprio romance. Em *A filha perdida*, após o sumiço da boneca, as experiências vividas por Leda se entrelaçam com os significados que ela mesma impõe a aquele pequeno objeto: a boneca é a personificação de todas as frustrações que ela sofre por ter sido uma figura materna “falha” para sua família. Ferrante ouve o sussurro dessa boneca, uma personagem de segundo plano situada em um romance, e aposta que ela poderia render uma segunda publicação totalmente diferente. Percebo que a autora obtém sucesso ao expandir essa linhagem de personagens que possuem a mesma carga genética correndo em suas veias, todas com suas peculiaridades, mas tão semelhantes ao mesmo tempo.

Dito isso, retorno ao assunto sobre composição das camadas de intensidade que constroem a minha personagem. Assim como Ferrante diante da boneca roubada, também enxerguei em Jade um desejo latente de aparição. Para o leitor, em um primeiro momento de apresentação aos relatos de Jade, pode parecer que ela não seja suficiente e muito menos capaz de encenar uma série de narrativas: o que há de interessante em uma vida “Quando não sobra mais nada”? A natureza dessa personagem é o silêncio, é a solidão. Ao lançarmos um olhar mais curioso, dando oportunidade a ela é que a história submersa aparece e, enfim, instiga o leitor a seguir desbravando a personagem e suas experiências de ausência.

Os seres são, por sua natureza, misteriosos, inesperados. Daí a psicologia moderna ter ampliado e investigado sistematicamente as noções de subconsciente e inconsciente, que explicariam o que há de insólito nas pessoas que reputamos conhecer, e no entanto nos surpreendem, como se uma outra pessoa entrasse nelas, invadindo inesperadamente a sua área de essência e de existência. Esta constatação, mesmo feita de maneira não-sistemática, é fundamental em toda a literatura moderna, onde se desenvolveu antes das investigações técnicas dos psicólogos, e depois se beneficiou dos resultados destas. É claro que a noção do mistério dos seres, produzindo as condutas inesperadas, sempre esteve presente na criação de forma mais ou menos consciente, — bastando lembrar o mundo das personagens de Shakespeare. Mas só foi conscientemente desenvolvida por certos escritores do século XIX, como tentativa de sugerir e desvendar, seja o mistério psicológico dos seres, seja o mistério metafísico da própria existência. (CANDIDO, 2009, p. 53)

Indo ao encontro a essa constatação do autor, asseguro que sua hipótese seja verdadeira, tanto no campo ficcional literário quanto no mundo real. A primeira impressão que obtemos ao sermos apresentados a um novo ser, seja ele humano ou ficcional, continuamente será incompleta e irreal. Essa percepção do outro ser só se torna uma certeza quando o conhecemos em diferentes circunstâncias e, mesmo assim, ainda há um teor de idealização proposto por nossas próprias referências pessoais que podem influenciar no entendimento das características deste semelhante. Por vezes, o real temperamento desse ser será fragmentado por conta de todas essas etapas do reconhecimento. Sendo assim, posso supor até mesmo que o mundo estaria dividido entre as pessoas planas e redondas, conforme Forster define a personagem de romance. Analisando dessa forma as relações entre os seres conseguimos perceber, de forma cristalina, o quanto a ficção é a sombra da realidade.

Não é porque a personagem ficcional em questão, Jade, transita no conto e num latente romance que isso a torna uma criação inovadora. Afinal, a personagem não é capaz de transitar entre os diferentes gêneros literários, ela é parte constitutiva de um só enredo, seja ele um conto, um romance, um poema ou um texto lírico. Todavia, é importante ressaltar que o conto permite que utilizemos artifícios prévios para dar ao seu desfecho o efeito de imprevisibilidade. Com Jade eu aposto no perfil de uma personagem conflituosa e complexa, porém adoto a brevidade dos acontecimentos solitários. Esses episódios, quando reunidos e lidos como uma coletânea, conferem a Jade a proporção de uma personagem romanesca. Por intermédio de características marcantes, de misteriosas vivências de ausência e de uma história cifrada bem construída, Jade possibilita ao leitor criar uma nova atmosfera de leitura. Esse lugar em questão muito se assemelha ao campo imaginário que criamos ao mergulharmos em um longo romance.

A escrita de ficção realista desafia o pensamento, afronta a realidade e nos faz enxergar o infinito mundo de possibilidades existentes. De qualquer forma, uma história só vive o sucesso quando o leitor destaca sua singularidade, quando entende aquilo que leu e, mesmo assim, permanece instigado a decifrar o texto. Ainda que nós, escritores, nos importemos com a opinião de algumas vozes experientes, nosso maior êxtase sempre será alcançar o encantamento de um modesto leitor.

6 UM BILHETE DE DESPEDIDA

Quando chegamos ao final do nosso primeiro curso de graduação é impossível não lembrar do começo. No meu caso, quando finalmente encontrei o curso de Escrita Criativa vagando pelos sites de universidades, foi só alegria. Pude desenvolver minha escrita e adquirir conhecimentos sobre técnica literária que nem sabia que existiam. Houve momentos de incerteza, como quando minhas produções não foram bem avaliadas ou quando passei noites sem dormir para finalizar um trabalho (inclusive este). Em compensação, o caminho até o momento de conclusão foi repleto de satisfações e, por tudo isso, sou grata.

Em relação à estruturação desse trabalho, saibam que ele nasceu como um artigo e só depois, mesmo com grande hesitação, eu lhe conferi o título de ensaio. O motivo para isso tem nome e sobrenome: minha insegurança. Insegurança para escrever um texto teórico constituído em maior parte através do embasamento em minhas próprias ideias e análises. Graças ao auxílio de colegas e professores é que consegui admitir e entender o potencial que meu trabalho teria se fosse escrito de forma ensaística. A partir daí embarquei em uma grande exploração do tema para que o desfecho do estudo fosse satisfatório. Além disso, também foi fundamental a escolha coerente das referências que mais se assimilaram com minha ideia, vozes sábias que foram o elemento de ligação entre minhas suposições e as teorias já existentes.

Quanto à parte criativa, não imaginava que um conto produzido no primeiro semestre do curso estaria compondo meu trabalho de conclusão quase três anos depois, e mais que isso: essa mesma história foi capaz de delimitar toda a estruturação do tema. Abordar as tantas faces da criação da personagem de romance e de conto me trouxe um conhecimento de técnicas e estratégias de escrita que, até então, só conseguia perceber em produções alheias. O processo de criação da coletânea “Quando não sobra mais nada”, aliada à composição do ensaio, criou unicidade entre as partes. Acredito ter alcançado o meu objetivo de unir um estudo teórico à minha produção literária, uma intenção que expressei desde a elaboração do projeto e que custou muito a se desenvolvida por completo.

Leda, a personagem de Elena Ferrante, era apenas uma inspiração que se tornou foco de análise. Foi preciso dissecar a personalidade de Leda para compor um estudo que explicitasse o suficiente sobre o processo de concepção das experiências de ausência, as motivações da personagem e suas questões essenciais. Quanto à Jade, que inicialmente era apenas uma sombra de Leda, posso afirmar que dei a individualidade reivindicada por ela através da composição de suas histórias, da riqueza de detalhes sobre suas tantas vivências de

ausência. Jade também foi a peça principal para que o conceito de personagem ambígua fosse discutido neste trabalho. Embora saibamos que a personagem é incapaz de ser tão fluída a ponto de transitar entre os gêneros, após a reflexão proposta nesse ensaio pude arrematar um segundo conceito: de acordo com os métodos de construção das camadas de densidade de uma personagem de conto, aliadas a um ambiente ficcional que ampare seus conflitos e experiências, como uma coletânea de contos, por exemplo, o leitor é capaz de sugerir que aquela personagem poderia protagonizar a sua própria narrativa romanesca sem dificuldades. Após analisar os caminhos que utilizei para chegar a esse conceito e, enfim, demonstrá-lo aqui, espero que ambas as partes estejam realmente em conexão quanto ao desenvolvimento satisfatório deste ensaio.

Despeço-me dessa tarefa com esperanças de que minhas palavras tenham feito sentido para você, leitor. Também admito o atrevimento de desejar que este trabalho sirva de referência teórica para alguém que, porventura, busque conhecimento sobre a trajetória da personagem. Não custa sonhar, não é?

Obrigada.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.
- ATWOOD, Margaret. **O conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. Tradução de Ana Deiró.
- BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática S.A., 1985. (Série Princípios).
- CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Debates literatura).
- FERNANDES, Verônica. Amores Incertos: Elena Ferrante e crítica da performatividade "feminina". **Polissemia: Revista de Letras do ISCAP**, Lisboa, Portugal, ano 2015, v. 15, p. 221-241, 15 abr. 2015. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/11125>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- FERRANTE, Elena. **A amiga genial**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- FERRANTE, Elena. **A filha perdida**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- FERRANTE, Elena. **Uma noite na praia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. Ilustração de Mara Cerri.
- FERRANTE, Elena. **Um amor incômodo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. São Paulo: Globo Livros, 2005. Tradução Sergio Alcides.
- GOTLIB, Nádia Battella. **A teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios).
- MIGUEL, Rute. **Personagem**. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/personagem/>. Acesso em: 29 jun. 2021.
- PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. [S. L.]: Companhia das Letras, 2004. p. 89-114. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4028601/mod_folder/content/0/Piglia%20FORMAS%20BREVES.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 26 jun. 2021.
- SACRAMENTO, Douglas Santana Ariston. **AS RELAÇÕES ENTRE MÃES E FILHAS EM A FILHA PERDIDA DE ELENA FERRANTE**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 5., 2017, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Realize, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30462>. Acesso em: 23 jun. 2021.

SECCHES, Fabiane. **Elena Ferrante**: Uma longa experiência de ausência. São Paulo: Claraboia, 2020.

UNSPLASH. Foto de Annie Spratt. **Abstract nature wallpaper, minimal and pastel.**

Disponível em: <https://unsplash.com/photos/cA2OvNnUTY4>. Acesso em: 2 jul. 2021.

[Imagem manipulada no Canva]

WOOD, James. Women on the verge: the fiction of Elena Ferrante. **The New Yorker**, New York City, 13 nov. 2013. Semanal. Disponível em:

<https://www.newyorker.com/magazine/2013/01/21/women-on-the-verge>. Acesso em: 26 jun. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Conto de ficção autobiográfica que escrevi para a disciplina de Laboratório de Criatividade. Na época, realizei uma extensa pesquisa sobre a autora Elena Ferrante para compor a narrativa de forma que mais se aproximasse à realidade.

SOB O SOL NAPOLITANO

No dia dez de agosto de dois mil e dezesseis eu e minha mãe embarcamos para Itália com destino a Roma. Todos os anos nós escolhemos um lugar para ir e, após ajustes e organizações, lá vamos nós. Deixei para trás os textos teóricos da faculdade e levei comigo apenas uma opção de leitura: *A amiga genial*, da autora Elena Ferrante. Me apaixonei perdidamente por sua escrita enquanto cursava uma disciplina que pedia leituras obrigatórias, uma delas a obra *A filha perdida*. A professora nos contou, basicamente, que Elena era o pseudônimo de uma suposta mulher que escrevia sobre suas próprias experiências de vida cercada pela brutalidade fina de Nápoles. Após ler somente dois livros dela pude perceber que formavam uma teia de relações impecável e cada personagem podia não fazer diferença naquela história, mas em alguma outra faria.

Nosso circuito turístico começou visitando o Vaticano, o Coliseu, fomos para charmosa Veneza e depois Florença até que chegamos à barulhenta Nápoles. A história que eu lia se adaptava ao ambiente em que estava e isso preencheu ainda mais a experiência daquela viagem. Em uma caminhada de quinze minutos ao redor de nosso hotel perdi as contas de quantos italianos me mandaram um sonoro “*farabutto!*”, seguindo um pedido gentil de que eu fosse para o inferno. As roupas coloridas estendidas entre um prédio e outro cobriam o sol fazendo sombras dançantes no chão sujo e cheio de poças...de um líquido que eu desejei não saber qual era. Logo fomos em busca da rainha italiana na *L’antica Pizzeria da Michele*, descobri esse restaurante no filme *Comer, Rezar e Amar* e meu manequim aumentou dois números só de pensar naquela pizza. Após fazer o pedido um senhor redondo e suado gritou nossos nomes e depois mais um: “*Nanucci!*”. Corri o olhar para conhecer quem era a dona do rosto cujo nome pertencia a uma das personagens do livro de Elena. Vi uma mulher de cabelos esbranquiçados, mas que ainda não poderia ser chamada de senhora. Eu estava perto o

suficiente para conseguir ver, enquanto ela pagava a conta, que um envelope meio caindo da bolsa estava endereçado com as iniciais E.F.

Nunca terminei o relacionamento com uma pizza tão rápido. Falei para minha mãe que a encontrava no hotel mais tarde e fui atrás daquela mulher, confiando que o meu senso de localização não deixaria eu me perder. Andei por alguns minutos a poucos passos atrás dela até que a perdi de vista e reencontrei quando virei de costas. “Está me seguindo? Vocês estão cada vez mais jovens”, eu não entendo nada italiano e deve ter transparecido em minha expressão, pois logo ela repetiu o que disse dessa vez em inglês. Expliquei que eu não era jornalista nem *stalker*, apenas uma fã que tinha evidências claras para suspeitar de sua identidade. Acredito que ela se sentiu confortável com a minha abordagem e me contou que era de fato a pessoa por trás do nome Elena Ferrante. Continuamos caminhando debaixo do sol napolitano e fiz questão de me posicionar ao seu lado, ela lamentava que seu desejo pelo anonimato estava constantemente ameaçado e temia que não a respeitassem quando sua identidade fosse a público. Metade de mim queria deixá-la em paz e a outra acabou perguntando coisas das quais nem lembro, ela respondeu gentil: “Há muitas coisas de nós que não foram contadas até o fundo ou que simplesmente não foram contadas, e acabamos descobrindo isso quando a vida de cada dia se turva e sentimos necessidade de pôr ordem, acredito que utilizo a arte da escrita para tentar fazer isso”.

Eu nunca confiei o meu instinto de detetive, não conseguia acreditar que eu realmente havia descoberto a identidade de uma pessoa que se escondeu por anos atrás de um nome mundialmente famoso. Sentamos em uma calçada limpa e, enquanto ela comia sua pizza, contei que estava na metade de *A amiga genial* ansiosa para que ela comentasse algo que me fizesse entender as entrelinhas. Mas Elena queria saber de mim, por que eu a lia e, principalmente, por que escrevia. O assunto sobre bloqueios criativos surgiu abruptamente através de minhas palavras e ela não hesitou nas suas: “Mas a escrita é uma arte que exige prática contínua! Exercitar-se para melhorar não deve ser algo que lhe angustie”. Falamos mais um pouco e ela disse que precisava ir, estava esperando seu marido para irem visitar uma propriedade na região da Toscana. Nos despedimos e, em sinal de agradecimento, tirei da bolsa meu chaveiro de olho grego em metal e dei a ela, desejando que sua vontade em se manter fora dos holofotes permanecesse por mais tempo. Ela sorriu conivente e foi embora.

Não preciso nem dizer que nenhum dos meus amigos acreditou na história, disseram que eu havia me confundido e uma desconhecida ainda faturou um chaveiro meu. Poucos meses depois dessa viagem, um artigo publicado pelo jornalista italiano Claudio Gatti confirmou que Elena Ferrante era, na verdade, a tradutora Anita Raja. A investigação de Gatti

foi baseada nos registros financeiros e imobiliários dela e do marido, também escritor, Domenico Starnone. Havia movimentação de compra de grandes apartamentos em Roma, além e uma propriedade em área valorizada na Toscana, aquisições que iam além do orçamento de uma simples tradutora e um escritor não tão aclamado. Invadiram sua intimidade, tudo que ela menos queria. Mesmo assim, consigo garantir que quando encurralada, Anita não mentiu sobre quem era. Pelos poucos minutos que estive em sua presença senti verdade, talvez não a que todo mundo gosta de ouvir, mas era a verdade.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br